



ENTREVISTA

**Imagens vencedoras, imaginário midiaticizado e
Paulo Freire - Entrevista com Jorge Milkos**

Bruno Vieira Leonel

DOI 10.5433/1984-7939.2019v15n27p245

Imagens vencedoras, imaginário midiático e Paulo Freire – Entrevista com Jorge Milkos

Bruno Vieira Leonel*

O Professor Dr. Jorge Miklos (UNIP) esteve em Londrina para participar da 3ª edição do Encontro Nacional de Pesquisa em Comunicação e Imagem (ENCOI). Durante o encontro, Miklos apresentou a palestra “Imagens Vencedoras, Imagens dos Vencidos: Imaginário midiático na campanha eleitoral do Brasil em 2018”, no segundo dia do evento que aconteceu em novembro de 2018.

Durante a fala, Jorge realizou uma análise sobre imagens digitais (e alguns memes), amplamente compartilhados, e ‘viralizados’, que circularam em redes sociais da internet durante as campanhas eleitorais de 2018. Essa entrevista ocorreu logo após sua participação no encontro. Nela, Jorge Miklos discutiu algumas impressões sobre seus principais temas de pesquisa, avaliou o cenário da pesquisa em comunicação hoje e sobre a importância das ideias do pedagogo Paulo Freire (de quem foi aluno, em duas oportunidades), veja a seguir.

Além da formação em História e Ciências Sociais, Jorge Miklos é Mestre em Ciências da Religião e Doutor em Comunicação (ambos pela PUC-SP) com Pós-doutorado na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Atualmente é Professor Titular do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Midiática da Universidade Paulista (UNIP) e membro do CISC – Centro

* Mestre em Comunicação.

Interdisciplinar de Semiótica da Cultura e da Mídia (PUC-SP). É autor dos livros: *Ciber-Religião: A Construção de Vínculos Religiosos na Cibercultura (Ideias e Letras)* e *Cultura e Desenvolvimento Local: Ética e Comunicação Comunitária (Érica/Saraiva)*.

Durante sua fala no evento em Londrina, Miklos debateu algumas questões sobre o discurso, a intenção das mensagens digitais apresentadas – até então imersas em uma grande ‘polarização’ política – publicadas e replicadas por pessoas que apoiavam o então candidato Jair Bolsonaro (durante a palestra, imagens apresentadas com a conotação de ‘imagens vencedoras’ – devido ao desfecho final das eleições) e imagens que criticavam Bolsonaro e apoiavam outros candidatos (apresentadas com a conotação de ‘imagens vencidas’).

Em meio a informações de origem duvidosa, críticas, preconceitos políticos e até comentários que pendiam para o discurso de ódio contra minorias, as imagens selecionadas por Milkos foram usadas para debater o panorama atual ligado ao uso de imagens técnicas aplicadas à comunicação em meio a um cenário de ‘guerra visual’ nas redes sociais. “A ideia era entender que nós vivemos numa sociedade em que o imaginário está midiático, e as imagens circulavam nas redes sociais, produzindo sentidos a partir do que estava acontecendo...”, contou o professor durante a entrevista. Confira:

Para começar, você pode comentar um pouco sobre as principais linhas de pesquisa do seu trabalho?

Eu tenho uma formação híbrida, meu orientador, o Professor Norval Baitello jr, fala que eu sou mestiço, porque eu não tenho uma formação linear, sou de história, ciências da religião, comunicação...

Mas o tema que me ‘atravessa’ mesmo, para olhar os fenômenos contemporâneos, é a psicanálise, autores como Jung, Freud e, ainda, nomes como o Marcuse, é um pouco por aí.

Eu sou professor titular do Programa de Pós-Graduação e Comunicação Midiática da Universidade Paulista (UNIP). Estou em um grupo de pesquisa chamado ‘Mídia e Estudos do Imaginário’, que tem liderança da Professora Malena Contrera (sou o vice, nesse coletivo). Nossas pesquisas enveredam dualmente no campo da ecologia da comunicação, e isso já está terminando neste ano (2018). A partir de 2019 vamos trabalhar o tema da intolerância religiosa. Eu adentrei na comunicação, justamente para pensar a relação de comunicação e religião. Dentro desse universo eu produzi um doutorado e fiz várias pesquisas, orientei ainda alguns mestrados na área da comunicação e religião, pegando justamente esse foco da midiaticização do campo religioso, e quais as interferências midiáticas sobre o campo religioso.

Você delimitou hoje na palestra, essa questão de imagens ‘vencedoras’ e ‘imagens de vencidos’ que está muito ligada ao contexto em que estamos hoje – Os memes ligados aos ‘vencedores’ e perdedores das eleições de 2018 – mas essa não é uma definição tão estática, certo? Essa ideia muda em outros contextos por ser uma ideia também historicizada?

É uma ideia muito embrionária ainda, mas o que se assistiu (nas últimas eleições) foi uma polarização. Não houve meio termo, especialmente no 2º turno, não houve indiferença, as pessoas se dividiram. Quando eu fiz esse título, com as imagens ‘dos vencidos’ eu fiz exatamente com a ideia de focar o processo de ‘polarização’,

que é muito forte. Embora já houvesse outros momentos de polarização no debate político do Brasil, essa polarização desse ano recrudescceu, foi muito intensa, marcou uma divisão entre famílias, pessoas se bloqueando nas redes sociais, saindo de grupos de família e entrando em conflitos, coisas do tipo ‘se você está do outro lado, você é inimigo’, com esse título eu quis marcar isso.

E não era difícil fazer o repositório das imagens, os arquivos estão amplamente disponíveis. Sabia-se qual era o discurso de quem venceu e de quem perdeu (a disputa eleitoral). Todo o título tem a ideia de provocar, causar uma indisposição. O objeto não era ‘colar’ esse título de ‘vencedor’, mas a ideia era entender que nós vivemos numa sociedade em que o imaginário está midiático, e as imagens circulavam nas redes sociais, produzindo sentidos a partir do que estava acontecendo.

O que me chamou a atenção é que eu recebi uma mensagem, de um amigo, com um post de um colega dele (em uma rede social), o post tinha mais de duas mil ‘reações’ na rede social. Ao ler os comentários, centenas deles, eu fui percebendo quem era ‘a favor’ e quem era ‘contra’ aquele conteúdo. O que ficou claro é que a imagem falava mais do que qualquer outra coisa, mais do que as palavras, as imagens estavam ali dizendo. Muitos comentários eram outras imagens, as imagens produziram mais imagens, foi uma guerra visual ali. Muitos citavam argumentos, citavam outros filósofos, mas muitos comentários eram imagens, havia ali um fenômeno de uma sociedade que está consumindo/sendo consumida por imagens... E que tem na imagem sua principal referência de narrativa.

Houve uma discussão durante o Encoi (durante a

realização de um grupo de trabalhos, fora da palestra) sobre imagem e ideologia. Houve uma discussão sobre imagens ‘paradas’ e as imagens em movimento (gif, vídeo, HD, em 3D), na sua opinião essa tecnicidade dos novos meios, essa tecnologia nas mídias, valoriza ou banaliza as imagens? Você é mais negativo quanto a esses processos?

Minha visão é que a imagem técnica, ela, esvazia o caráter simbólico da imagem. A imagem como algo que tem um poder, uma potência simbólica de nos transportar pra alguma coisa, e potência de acionar determinados mecanismos do imaginário, a imagem técnica é simulacro, ela esvazia esse potencial. Isso não significa que ela não tenha um valor comercial, um valor de produzir sentidos, ideologias, estigmas, mas ela não é uma imagem que transporta, que é um veículo no qual conteúdos arcaicos estão perenes, sendo transportados e acionando processos de transformação, de metanoia.

Minha visão sobre a imagem técnica é uma visão que eu compartilho com o Norval, com Hans Belting, Aby Warburg, com Flusser (Não muito, porque ele titubeava um pouco) e também com Benjamin – Em seu ‘Obra de Arte na Era da Reprodutibilidade Técnica’ que é seu texto clássico – em que a aura é perdida na imagem técnica. Quando ela perde a aura da ‘complexidade’. Voltando à primeira pergunta, eu acho que a imagem técnica ‘deteriora’ o arquetípico que é complexo. O que ela tende a fazer é polarizar; Isso aqui é ‘super, mega, blaster’ só o bem, ou é ‘super mega, blaster’ mal. E quando isso é feito, deixa de ser imagem, vira estereótipo. E o estereótipo não é simbólico, ele perde sua potência de complexidade, isso acontece com imagens, com personagens, ninguém é só bom, tem muita ‘luz e sombra’, essa polarização só é possível por que a

imagem é técnica.

Você foi aluno do Paulo Freire, um dos intelectuais brasileiros mais citados internacionalmente – não entendo exatamente porque uma das figuras, hoje também, mais criticadas por muitos setores – muita gente fala até que é um intelectual que prejudicou a educação no Brasil. Como você avalia, um escritor que é tão discutido internacionalmente, sendo alvo de tantas críticas também? Há uma certa falta de entendimento, ou de contato com a obra original do Freire?

Vou separar a resposta em dois campos; o primeiro assim, quem foi Paulo Freire: Eu fui aluno dele duas vezes, na década de 80, e depois no mestrado na década de 90. O Paulo Freire, a grande contribuição dele foi pensar em uma educação libertadora, foi pensar que quando uma educação não é libertadora, o sonho do oprimido é tomar o lugar do opressor, isso era muito claro. O Paulo Freire levanta uma educação, ele fala de um projeto educacional, isso estava muito presente aqui hoje, quando falei sobre a Universidade (Em determinado momento da palestra, Miklos criticou o produtivismo de certos setores da Universidade, assim como a burocracia em processos ligados à academia), mas era isso, a ideia era essa, o Paulo Freire provocava isso, não podemos transformar escolas em mera burocracia, diário de classe, nota, prova, formação para o mercado, ele criticava muito a formação bancária e a educação bancária, ele propunha uma educação emancipadora do gênero humano, este é um ponto.

A relevância dele para o mundo é essa, ele é um sinal para muita gente. Aqui no Brasil menos, até comentei há pouco tempo, acho estranho criticarem ele aqui, porque o país que menos aplicou as

ideias do Paulo Freire foi o Brasil, embora ele fosse Brasileiro. Você vai encontrar poucas experiências formais de educação em que as ideias do Paulo Freire estejam presentes. Onde elas estão presentes? Em escolas comunitárias, em movimentos populares, nestes nichos, fora isso, não. Paulo Freire também foi fundamental, preciso dizer isso, para a formação de um pensamento comunicacional chamado ‘comunicação comunitária’ – meu pós-doutorado foi nesse setor. Não dava pra falar nesses tempos, na comunicação popular, sem considerar que Paulo Freire é um dos paradigmas do pensamento comunicacional e comunitário.

Sobre a segunda pergunta, sobre porque ele estar tão demonizado? Eu acredito que seja por falta de leitura e de acesso, de contato com a obra. Eu confesso para você que eu acho muito estranho, acho muito difícil alguém ser responsável pela ‘falência’ da educação brasileira, como o Paulo Freire, sendo que sequer as ideias dele foram ‘compradas’ nas escolas, ninguém ‘comprou’ (vamos dizer assim). Paulo Freire, no fundo é isso. Se você andar pelo Brasil e vir métodos aplicados em escolas, você vai ver de tudo, tradicional, construtivista, mecanicista, sócio construtivista, isso ou aquilo, menos a educação ‘emancipadora’ do Freire. Acredito que seja uma estratégia também de usar Freire ‘metonimicamente’ – tomando a parte pelo todo – e usar o Freire como uma metonímia para criticar um projeto maior de emancipação, de esclarecimento das classes populares, que é onde ele estava mais focado.

Ele se tornou a vítima sacrificial, o bode expiatório, que precisava ser tomado para se transformar no ‘grande vilão’ de um grande projeto maior que não se restringe apenas a ele, embora sim, ele faça parte dele.

Achei interessante na sua fala, você fez uma provocação sobre a coisa do produtivismo, essa coisa carreirista, burocrática. Já vi muitas críticas e discussão sobre isso partindo de setores de dentro e de fora da academia... Uma crítica que se faz, por exemplo, é que setores ‘de fora’ não estão em contato com as produções, não sabem o que está sendo feito, o que está sendo produzido dentro da Universidade, mas vejo setores da academia que criticam isso também. É difícil chegar a um ponto comum nisso? Um processo que permita o debate ir além disso? Pensar em uma forma de que as pesquisas em comunicação apareçam mais, tenham mais visibilidade para a sociedade...

Eu acho assim, se você retomar historicamente, primeiro o próprio surgimento da Universidade, ela sempre foi fechada, um lugar elitizado, à parte da sociedade. Um lugar elitizado, como se intelectuais fossem uma ‘nobreza’, fossem dotados de competência maior. No Brasil isso foi muito forte, foi muito reforçado. O título de doutor funciona quase como uma distinção social, o pessoal usa isso na rua, no estacionamento, como forma de distinguir alguém, médico é doutor, advogado é doutor. Isso tem a ver com a formação do Brasil, tem a ver com nossa formação ibérica.

Os títulos acadêmicos sempre foram uma forma de reforçar privilégios, hierarquias e distinções sociais. Quando chega ao século XX, isso se mescla com interesses mercadológicos. A Universidade passa a ser uma produtora de patentes, de royalties, passa a ser uma produtora de lucro. Não há conhecimento científico que não esteja ancorado por algum tipo de subsídio, seja governamental ou empresarial. É uma roda em que um depende do outro.

É difícil pensar num compromisso social, emancipador da Universidade – especialmente no Brasil – ela ainda carrega o estigma social muito forte, historicamente, da tradição ibérica. E segundo porque ela se ancorou aos interesses do mercado. Quando ela se ancora a lógica produtivista também invade o funcionamento interno da academia. São lógicas muito claras... Existe outro caminho? Sim, mas acho muito difícil. Até porque, como se pode perceber (Miklos faz menção à crítica ao ‘academicismo’ que fez durante a sua fala), toda vez que se toca nesse assunto gera um mal-estar, um incômodo, um pouco de ‘sombra’, as pessoas se sentem afetadas e não veem possibilidades de mudar isso.

Se você olhar para a própria produção intelectual Norte-Americana, é uma produção que visa os interesses das indústrias, que visa interesses farmacêuticos, etc. Recentemente foi até escândalo, uma revista publicou um artigo de um grupo de pesquisa (que trabalha com farmacologia), e esse artigo mostrava resultados de um novo fármaco, sobre o tratamento de uma nova doença. A revista publicou, muita gente leu, e a revista explodiu naquele ‘ranqueamento’ de impacto.

O artigo começou a aparecer em várias redes. Até que se chegou à verdade; o grupo que publicou o artigo é 100% financiado pela indústria farmacêutica, e a indústria tinha interesse que as ideias do trabalho tivessem impacto na comunidade científica. Para que eles pudessem vender e duplicar o movimento dos produtos que eles ofereciam no mercado. Então assim, acho que existe um problema no ser humano que é, quando ele se vê diante da devastação que está ao redor dele, ele tende a colocar a cabeça num buraco, porque, fazendo isso ele acha que a devastação passa, só que não.